

Dossiê música e cena do Théâtre du Soleil

Jean-Jaques Lemêtre, músico do teatro

Jean-Jacques Lemêtre e a escuta do inaudível: princípios e procedimentos que permeiam suas atividades dentro e fora do Théâtre du Soleil

Marcello Amalfi

Doutor em Artes pela Universidade de São Paulo, com estágio doutoral na Sorbonne Nouvelle Université Paris 8. É afiliado a várias instituições internacionais, como a ARTA (Ass. de Recherche des Traditions de l'Acteur, Paris, Fr.); CIRRAS (Center International de Réflexion et de Recherche sur les Arts du Spectacle, Paris, Fr.), APEB (Association of Brazilian Students and Researchers in France), and IFTR (International Federation for Theater Research, NY, USA). É também membro fundador da AURORA, – Pôle de recherche Théâtrale (port-aurora.com). É professor em cursos de pós-Graduação no Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo, maestro e coordenador do projeto Pop Choir na Associação Cultural Inglesa do Estado de São Paulo. Desde 2011, estuda o trabalho de Jean-Jacques Lemêtre, tornando-se seu assistente e tradutor oficial no Brasil. Essa relação apoiou a pesquisa de Amalfi desde o mestrado sobre o trabalho do músico no Théâtre Du Soleil, publicado como um livro intitulado A MACRO-HARMONIA DA MÚSICA DO TEATRO, o primeiro livro originalmente escrito em português sobre a companhia, que levou a um convite para uma palestra no Cirras (Paris) em 2016, e hoje está incluído na bibliografia oficial da trupe e também em seu site. Para mais informações: maestroamalfi.com.

Resumo

Este artigo visa oferecer um panorama sucinto de alguns dos princípios e procedimentos que orientam a atuação de Jean-Jacques Lemêtre enquanto músico do Théâtre du Soleil, e que estão igualmente presentes em sua atuação conduzindo estágios e workshops de música do teatro. Além de trechos de entrevistas exclusivas e inéditas de membros e pessoas ligadas à companhia, traz um pequeno glossário com alguns dos termos cunhados sobre tal atuação no decorrer de nossa pesquisa de Doutorado em Artes na Universidade de São Paulo, com estágio doutoral na Sorbonne Nouvelle Université Paris 8.

Palavras-chave: Jean-Jacques Lemêtre, Théâtre Du Soleil, Música do Teatro, Jogos músico-teatrais, Macro-harmonia.

Abstract

This article aims to offer a succinct overview of some of the principles and procedures that guide the work of Jean-Jacques Lemêtre as a musician at the Théâtre du Soleil, also present in his work conducting theater music courses and workshops. In addition to excerpts of exclusive and unpublished interviews with members and people connected to the company, it brings a small glossary with some of the terms coined about this performance during our PhD research in Arts at the University of São Paulo, with a doctoral internship at the Sorbonne Nouvelle Université Paris 8.

Keywords: Jean-Jacques Lemêtre. Théâtre Du Soleil. Theater Music. Musical-theatrical games. Macro-harmony.

[Marcello Amalfi] ... sobre aquilo dos atores. De falar com os atores? [Jean-Jaques Lemêtre] Isso é o que jamais foi feito, que é fazer os atores falarem, que são eles mesmos os primeiros a estabelecer a conexão com a música, porque são eles que estão no outro canto, em cena. Por isso que eu penso que a prioridade é vir ao Théâtre Du Soleil, e fazer os atores falarem, que têm uma verdadeira conexão com a música, ou uma conexão falsa, mas que têm uma conexão. Boa ou ruim, ou não muito boa... Mas eles têm uma conexão, porque, como há música o tempo todo eles são obrigados a “fazer junto”: fazer contra, fazer a favor, fazer tudo o que quisermos... mas fazer! Então, é por isso que eu penso que a parte importante do teu trabalho é encontrar essas pessoas, e fazer elas falarem disso.¹

Prelúdio

Desde o surgimento do encenador moderno, na segunda metade do século XIX, a música foi ganhando evidência. Na prática artística de numerosos criadores, ela deixou de ser compreendida exclusivamente como a sobreposição de eventos de natureza acústica à encenação. Contudo, o seu processo de aprendizado desta MÚSICA DO TEATRO ainda é, salvo raras e louváveis exceções, algo paralelo, coadjuvante.

¹ Conversa entre Jean-Jaques Lemêtre e Marcello Amalfi registrada em vídeo no atelier do músico, na sede da companhia Théâtre du Soleil em Paris, France, no dia 29/06/2016. Tradução nossa.

Ao serem submetidos a práticas originalmente destinadas a músicos, boa parte dos artistas que concluem cursos de teatro ingressam no ofício apresentando a necessidade de prolongar sua formação musical. Uma vez que poucos recorrem a um aprendizado mais específico, a grande maioria conta apenas com uma formação musical episódica durante a sua vida profissional.

Desta forma, o estudo dos processos de elaboração de representações teatrais se revela um possível caminho para a identificação destas lacunas, assim como, dos mecanismos e recursos pedagógicos utilizados para saná-las.

Primeiro movimento: a música do Théâtre du Soleil a partir de seus artistas

Sobre sua primeira experiência com o Théâtre Du Soleil, Jean-Jacques Lemêtre explicou:

Eu comecei esse trabalho como professor de música, encarregado de ensinar os atores e as atrizes a tocar diferentes instrumentos, a fim de constituir orquestras para a encenação do espetáculo Mephisto [1979], sobre a ascensão do nazismo, entre 1925 e 1939. [...] Foram minhas primeiras composições para a cena. Durante sete meses nós trabalhamos sobre essas composições e, no final desse período, Ariane fez uma reunião com toda a equipe e nós fizemos um concerto completo com todas as músicas. E ela então escolheu quais ela queria para esta ou aquela cena do espetáculo. Porque eu não participava dos ensaios da peça, eu era apenas o professor de música.²



Figura 1: Eve Doe Bruce e Marcello Amalfi. Sede do Théâtre Du Soleil. Cartoucherie, Paris - France. Junho de 2016. Acervo Pessoal Marcello Amalfi.

Logo em seguida, Lemêtre foi novamente convidado para trabalhar no ciclo Les Shakespeare (1981-1984). Aconteceu que, desta vez, ele impôs uma condição que mudaria profundamente a sua atuação, e igualmente a da companhia: ele queria tocar as músicas durante a elaboração e realização da encenação.

² LEMÊTRE *in* AMALFI, 2011, pp. 80-81.

Efetivamente integrado como membro da trupe, e posicionado geograficamente no palco, ele passou a tomar parte nas atividades desde o primeiro dia de ensaios, até a última apresentação dos espetáculos. Aos olhos de Ariane, isso significou o início de uma nova fase do Théâtre Du Soleil.

Para os atores, representou novas possibilidades, como explicou Jean-François Dusigne, professor da Université Paris 8, diretor da ARTA, e antigo ator do Théâtre Du Soleil:

Para mim é certo que a relação com a música era uma fonte de grande prazer, porque ela é um meio para que possamos trabalhar, poder estar na cena em um diálogo, mesmo quando estamos sós em cena. Existe forçosamente um diálogo com o músico, uma série de trocas, de impulsos, que é realmente em termos de prazer, é jubilar. Eu penso que há uma reciprocidade.³

A partir de Les Shakespeares, as montagens da trupe passaram a apresentar, como primeira etapa de produção, uma conversa reservada entre Mnouchkine e Lemêtre, com duração de algumas horas, em que ela lhe apresenta a VISION, uma ideia inicial, que indica o horizonte a ser seguido durante a criação do novo espetáculo. Após chegarem a um consenso, realizam um novo debate, com a participação de todos.

A etapa seguinte é a CONCOCTAGE. Concocter é um verbo transitivo em francês, que pode ser traduzido para o português como engendrar, urdir, inventar. Um processo de coletivo, como explica Aline Borsari, atriz da companhia:

Essa grande CONCOCTAGE, no início do ensaio é coletiva. Então, o grupo inteiro se reúne, e diz “eu gostaria de propor uma cena dessa forma”, “eu gostaria de propor uma cena dessa forma”. Eu lembro que no início, os novos que tinham acabado de chegar, que ainda estavam em seleção se formava uma grande círculo no centro da sala, e os novos faziam um segundo círculo, no entorno, para ouvir.⁴

Uma das atividades mais importantes nesta etapa é a exibição de cenas improvisadas pelos artistas para Ariane, identificadas por Lemêtre como VISIONNETTES, que são concebidas a partir de pequenas visões impulsionadas pela proposta inicial da diretora, como explica Duccio Bellugi Vannucini, o ator com maior tempo de permanência na companhia, tendo ingressado em 1987:

[DB] É o mundo. Não falamos “bidê”, ou “eu tenho uma ideia de fazer assim”, não... Eu tenho uma visão! Estas são as visões.

[MA] As visões... Na concoctage funciona assim?

³ Entrevista de Jean-François Dusigne concedida à Marcello Amalfi registrada em vídeo na sede da ARTA, Association de Recherche des Traditions de l'Acteur em Paris, France, no dia 29/06/2016. Tradução nossa.

⁴ Entrevista de Aline Borsari concedida à Marcello Amalfi registrada em vídeo na lanchonete Marques Hamburguer em São Paulo, Brasil, no dia 14/06/2017.

[DB] Exatamente! Na concoctage não dizemos “Eu tenho uma ideia, você entra e faz assim... “. Não! “Eu tenho uma visão de que nós estamos em um lugar e tem isso acontecendo...”. Depois, evidentemente, nós apuramos. Mas é como em um sonho.⁵

Para a apresentação das VISIONNETTES, além de poderem fazer uso dos muitos recursos que a companhia dispõe, como os figurinos do seu imenso acervo, objetos de cena, etc., os artistas contam sempre com a participação de Jean-Jacques, que improvisa a música a partir de breves orientações, como descreve Jean-Marc Quillet: A música é gerada, em princípio, pelas demandas dos atores, das solicitações dos atores. Os atores propõem as coisas para Ariane, e vão até o Jean-Jacques e dizem ‘você pode fazer alguma coisa assim, assado’. Às vezes é pouco preciso, às vezes não é preciso para um músico, mas é preciso poeticamente. Eles querem alguma coisa fria, alguma coisa quente, alguma coisa suspensa... ok. E Jean-Jacques procura a resposta. E isso funciona... e às vezes não funciona. Mas frequentemente, funciona.⁶

Durante as montagens, não existe uma distribuição prévia de papéis, segundo Jean-Jacques, porque no Théâtre Du Soleil não há questão de ego, e todos se colocam a serviço do teatro, como explicou Duccio Bellugi:

Nós não chegamos e “trazemos aprendido de cor o nosso texto desde casa, sabemos que parte nós vamos interpretar, vamos interpretar essa parte, isso funciona”... Não! É “cada um fornece uma pedra na construção de um personagem do espetáculo”. Por isso que não sabemos quem vai interpretar o que.⁷

Durante os improvisos que dão origem ao espetáculo, Lemêtre não objetiva criar ambiências, atmosferas, climas. Suas colaborações musicais são concebidas como ELEMENTOS NARRATIVOS, que participam ativamente do jogo teatral, se relacionando com os demais, alterando-os ao mesmo tempo em que são por eles alteradas, avançando juntos, como descreve a atriz Dominique Lambert:

Nós, vamos dizer que estamos procurando a cena; Ariane que procura o espetáculo; os figurinistas que procuram o figurino, tudo avança ao mesmo tempo. Conforme avançamos, um reduz, o outro pára porque não viu... mas tudo avança assim, junto.⁸

5 Entrevista de Duccio Bellugi Vannucini concedida à Marcello Amalfi registrada em vídeo na residência do entrevistado em Paris, France, no dia 03/06/2016. Tradução nossa.

6 Entrevista de Jean-Marc Quillet e Françoise Quillet concedida à Marcello Amalfi registrada na residência dos entrevistados em Rouen, France, no dia 16/05/2016. Tradução nossa.

7 Entrevista de Duccio Bellugi Vannucini concedida à Marcello Amalfi registrada em vídeo na residência do entrevistado em Paris, France, no dia 03/06/2016. Tradução nossa.

8 Entrevista de Dominique Lambert e Vincent Mangado concedida à Marcello Amalfi registrada em vídeo na residência dos entrevistados em Paris, France, no dia 03/06/2016. Tradução nossa.

De acordo com os artistas da companhia, tais avanços ocorrem por força do que eles identificam como ÉCHANGE TRIANGULAIRE, a ação conjunta do músico, dos atores e da diretora nos improvisos cênicos, como relata o ator Maurice Durozier:

[MD] Eu subia no palco para fazer outro personagem. Eu não sei porque, Ariane viu, ou sentiu nesse momento (eu não estava preparado para fazer esse personagem mesmo) ela gritou para mim: “Maurice, Jean, o personagem, é um fauno!”. Fauno? Esses animais... Nesse momento Jean-Jacques, que estava na música, começou a fazer... e o ensaio nem tinha começado, começou a fazer uma música de fauno. Eu peguei essa música, e não sei porque, eu comecei a saltar, como um fauno no espaço, e o personagem CHEGOU nesse momento! Para surpresa, acredito que, dos três. Mas sem Jean-Jacques, sem a chave de Ariane, sem Jean-Jacques, essa música, o fauno que é difícil, improvisando, e a recepção, porque eu um momento onde eu... eu me deixava... levar... talvez, esse personagem não... não poderia ter sido encontrado nessa dimensão, que era essencial. para um personagem de diretor. Eu penso que o diretor é um pouco diabólico. É verdade, é diabólico, porque ele cria a vida na cena. Qualquer outro não tem essa dimensão. Ela procura criar a vida! E como não podemos pretender que seja divino... eu acredito que é o contrário, que é diabólico. Isso é para dizer como eu nessa criação, nesse momento, eu preciso de... da minha...

[MA] Da música?

[MD] Sim. De uma história de ator... que viveu a relação com a música nesse momento, isso quer dizer, essencial! É a música que me ... Entende?⁹



Figura 2: Palco com o Estudo de Cenário para o espetáculo Une Chambe en Indie. Sede do Théâtre Du Soleil. Cartoucherie, Paris - France. Abril de 2016. Acervo Pessoal Marcello Amalfi.

Segundo movimento: o savoir-faire que nasce no palco

Há, de fato, muito pouco registro da música composta por Jean-Jacques Lemêtre para os espetáculos do Théâtre Du Soleil, como apontou Franck Pendino, o responsável pela organização e preservação dos arquivos da companhia.

Em partes, explica Pendino, porque a posteridade não era, até bem recen-

⁹ Entrevista de Maurice Durozier concedida à Marcello Amalfi registrada em vídeo no Restaurante & Café L’Usine de Charonne, Boulevard de Charonne, 75011 Paris, France, no dia 17/06/2016. Tradução nossa.

temente, uma preocupação para a trupe, e tampouco para o músico.

Então, quando eu procurava a documentação sobre o Jean-Jacques para organizar tudo isso em formato digital, eu percebi que nós não tínhamos quase nada ainda. E com Jean-Jacques eu me questioneei, eu percebi que isso não era uma necessidade sua. E ao mesmo tempo, eu recebi as demandas das pessoas que queriam saber, que queriam ver a documentação sobre a história da música do teatro. E isso não podia acontecer de outra forma que não fosse em uma conversa com Jean-Jacques, porque ele é muito aberto ao encontro. E depois, pouco a pouco, após o *Naufragés* [Les Naufragés Du Fol Spoire (*Aurores*), 2010], no últimos anos, começaria a ter um pouco mais de escritos, mas em termos de livros.¹⁰

Entendemos que há um saber gerado durante todo processo de montagem teatral, mesmo que involuntariamente, ou à revelia de seus envolvidos.

Ao vislumbrarmos estes processos no Théâtre Du Soleil, nos parece razoável afirmar que, apesar da ausência de registros organizados, há um valioso repositório de parte valiosa do saber sobre a prática da companhia: o SAVOIR-FAIRE que nasce nos palcos da Cartoucherie.

Como diz? Que é um caminho... assim, que parece que a gente está com uma lanterninha, e que a gente vai iluminando. Nada é estabelecido de forma assim, digamos intelectual no sentido de dizer: é assim! A gente só sabe que é assim, ou assado, porque foi experimentado, porque foi descoberto em cena. Não existe trabalho de mesa, por exemplo. É diferente. Não existe aquele decorticamento: decorticar um texto falando sobre ele. Existe “tentando”, “atuando” e ir vendo o que é que acontece com a atuação. É uma verdade que surge do trabalho no palco. E Jean-Jacques é um mestre! Jean-Jacques é realmente um mestre. Então, ele tem essa capacidade de nos ajudar, de nos levar no caminho certo.¹¹

Jean-Jacques afirma que conceitos de sistemas musicais específicos, como por exemplo, dissonância e consonância entre os sons dentro do sistema tonal, são sempre colocados em segundo plano de prioridades ao se compor as músicas na Cartoucherie, uma vez que são as relações dos sons (e do seu discurso) em um nível mais amplo, ou seja, com o texto, o corpo do ator, o cenário, etc., que realmente interessam para os espetáculos da companhia.

Sobre a atuação da música do teatro, e sobre o papel de suas contribuições

¹⁰ Entrevista de Franck Pendino concedida à Marcello Amalfi registrada em vídeo no refeitório do Théâtre Du Soleil, em Paris, France, no dia 09/06/2016. Tradução nossa.

¹¹ Entrevista de Juliana Carneiro da Cunha concedida à Marcello Amalfi registrada em vídeo no refeitório do Théâtre Du Soleil, em Paris, France, no dia 12/04/2016. Tradução nossa.

no discurso da cena, observamos que apesar de começar toda montagem do zero, o compositor segue alguns princípios.

Um dos mais relevantes é nunca tentar posicionar a música em primeiro plano durante a encenação. Para ele, quem ocupa esse posto são os atores.

Tal concepção é uma peça-chave para o entendimento do pensamento que está por trás da elaboração e execução da música no Théâtre Du Soleil, e a identificamos como ACTEUR SOLISTE.

Com a sua música, às vezes, ele faz a qualidade emocional de cada cena. Mas isso é sempre verdade desde a ópera, desde... mas Jean-Jacques faz isso. A coisa verdadeiramente impressionante, é que ele faz isso ao vivo, e que ele tem um contato com os atores. Às vezes, ele os ajuda, quando o ator está cansado, ele faz [faz som com a voz], ele lhe dá a energia. Isso é incrível! Está para além da música, mas é a música que lhe fornece. Às vezes, quando o ator está lento, ele diz [outro som com a voz], vamos! Mas isso ele faz somente com a música. Se o ator vai muito rápido, ele o acalma. Na verdade, ele gerencia a respiração do espetáculo. Ele diz frequentemente que ele é um pouco este grande pulmão dos atores. Os atores falam, e eles falam forte, porque no Théâtre Du Soleil eles têm que falar forte, então precisam de uma pulmão muito forte, mas tem este outro pulmão, que é aquele que vai funcionar com a peça do teatro. Não apenas falar forte, mas aquele que está com a emoção, aquele que está com o poema dramático.¹²

O jogo improvisatório-criativo que conecta Jean-Jacques Lemêtre e os atores do Théâtre Du Soleil durante a realização da cena é um contracenar que inclui, em um mesmo grau de importância, os sons e os elementos não sonoros, como por exemplo, o estado interior do personagem, seu destino, o significado dos figurinos, do cenário, dos movimentos da iluminação. Tal jogo é identificado pelo compositor como IMPROVISATION CONTRÔLÉE.

É um companheirismo, é um amor da arte, e depois, uma escuta. É isso. Ele faz ficar visível para nossos olhos a história. Se ele nos leva até o mundo da história em que ele está, e que dá um outro sabor àquilo que fazemos. Voilà!¹³

De saída, o jogo que eu fazia com Jean-Jacques era, na verdade, minha entrada em cena, eu me conectava com ele. Do contrário, eu não poderia começar. E portanto, em todo espetáculo, eu dizia: bem, eu vou contracenar com a Juliana, ou com a Ana, ou com Sebastien, ou

¹² Entrevista de Jean-Marc Quillet e Françoise Quillet concedida à Marcello Amalfi registrada na residência dos entrevistados em Rouen, France, no dia 16/05/2016. Tradução nossa.

¹³ Entrevista de Eve Doe Bruce concedida à Marcello Amalfi registrada em vídeo na sede do Théâtre Du Soleil, em Paris, France, no dia 09/06/2016.

com Juliana... mas na verdade eu nunca estive à dois, eu não atuei nunca à dois, eu não atuei nunca à três, eu não atuei nunca à quatro. Eu sempre atuei à três, quatro, cinco, porque tinha o Jean-Jacques.¹⁴

Desta forma, ao participar de uma encenação, a música de Lemêtre se relaciona de maneira indissociável com todos os seus elementos (luz, cenário, figurino, gestos, etc.), alterando-os ao mesmo tempo em que é por eles alterada.

Em nosso entendimento, isso acarreta uma ampliação de sua estrutura harmônica, que ao incluir elementos que não possuem natureza sonora, pode ser identificada como uma MACRO-HARMONIA, um conceito que apresentamos em um livro homônimo, o qual ocasionou o convite para proferirmos uma palestra no CIRRAS de Paris em 2016, e que foi citado em sua entrevista por Jean-Marc Quillet, presente na ocasião:

Mas não somente os atores. Igualmente, uma troca de palco, igualmente a iluminação. Ele entra na *Macro-Harmonia*, como você fala tão bem. E Jean-Jacques é tipicamente isso.¹⁵

Terceiro movimento: os jogos músico-teatrais de Jean-Jacques Lemêtre

As atividades desenvolvidas por Lemêtre, que passamos a identificar como JOGOS MÚSICO-TEATRAIS, começaram a ser criadas e aprimoradas dentro dos processos de montagem de peças da companhia, para serem praticados tão somente pelos membros da trupe.

Inicialmente, tinham como finalidade exclusiva atender as demandas internas dos espetáculos em elaboração.

[PL] Eu não acho que ele estava pensando neste trabalho como se fossem exercícios. Esta apenas praticando para a peça, apenas imerso



Figura 3: Marcello Amalfi, Marcus Mota, Roberta Kumasaka Matsumoto, Jean-Jacques Lemêtre, professores e alunos. Universidade de Brasília - Brasília, DF - Brasil. Março de 2019. Acervo Pessoal Marcello Amalfi.

¹⁴ Entrevista de Shaghayeg (Shasha) Beheshit concedida à Marcello Amalfi registrada em vídeo no refeitório do Théâtre Du Soleil, em Paris, France, no dia 29/06/2016. Tradução nossa.

¹⁵ Entrevista de Jean-Marc Quillet e Françoise Quillet concedida à Marcello Amalfi registrada na residência dos entrevistados em Rouen, France, no dia 16/05/2016. Tradução nossa.

no trabalho. Eu penso que é a mesma coisa com a maneira de se movimentar. Por exemplo, nos workshops existe um exercício muito importante, que é a maneira de entrar em cena.

[MA] Sei, abertura da cortina...

PL - Abertura da cortina, etc., etc..¹⁶

Todavia, quando Jean-Jacques começou a conduzir estágios abertos ao público, ele procurou manter nestas atividades elementos da sua origem no palco da Cartoucherie.

Isso fez com que o DNA da atuação de Lemêtre, ou seja, seus saberes e procedimentos, estivessem presentes igualmente no processo de composição das músicas para o Théâtre Du Soleil, e nos JOGOS MÚSICO-TEATRAIS, estabelecendo, assim, um forte elo entre os espetáculos e os estágios.

[JJL] Quando você me pergunta se há outras questões, eu penso que com todos os estágios, com todas as coisas que você já tem...

[MA] Ah sim, eu tenho mesmo muita coisa...

[JJL] Você tem mesmo muita coisa lá! Porque depois, nós colocamos uma questão, cuja resposta já está lá nos estágios. Como para a pergunta que você me fez esta manhã, ela está nos estágios. A música não vem da música, ela vem do estado do personagem, e o estado fornece o corpo do personagem, e a voz do personagem. Se ele não têm o estado, não há o corpo, e não há a voz. Agora, se você pega a voz para cobrir o personagem, é um passo idiota. É uma técnica nesse momento... se você pega o corpo e você faz assim (gesticula desengonçado) para dizer “meu personagem é assim”, você vê... e daí o que você fez? Uma caricatura. É o estado que te dá o corpo e a voz, e conseqüentemente, a música. E jamais, em qualquer música, colar na música. Quando fazemos os estágios, e que há pessoas jovens, sem o costume de trabalhar com música, quando eles ouvem a música, qual é a primeira coisa que fazem? Eles se deitam sobre a música. Isso significa que é a música que faz o trabalho. E aí nós temos o que não interessa. Você faz um cinema mal-feito.¹⁷

Glossário de conceitos presentes neste estudo

Reunimos aqui alguns dos termos que foram cunhados durante nossas pesquisas de mestrado e doutorado sobre o Théâtre du Soleil, e que aparecem

¹⁶ Entrevista de Pierre Longnesse concedida à Marcello Amalfi registrada em um Café próximo ao Metrô Etoile, Paris, France, no dia 02/05/2016. Tradução nossa.

¹⁷ Conversa entre Jean-Jacques Lemêtre e Marcello Amalfi registrada em vídeo no atelier do músico, na sede da companhia Théâtre du Soleil em Paris, France, no dia 29/06/2016. Tradução nossa.

neste artigo grafados em caixa alta. Eles não são a transcrição de normas ou regras seguidas meticulosamente pelos artistas. Antes disso, o objetivo de sua elaboração foi auxiliar a compreensão, reflexão e o compartilhamento dos saberes e procedimentos presentes no dia-a-dia da companhia.

Acteur soliste

É a maneira através da qual Jean-Jacques Lemêtre e os artistas do Théâtre Du Soleil compreendem o trabalho do ator (ou seja, o seu discurso), como o elemento que está no primeiro plano da encenação, tal qual o solista em um grupo de jazz.

Concoctage

Concocter é um verbo transitivo em francês, que pode ser traduzido para o português como engendrar, urdir, inventar. Descrita por Lemêtre como um preparar coletivo, a concoctage é uma importante etapa no processo de elaboração dos espetáculos do Théâtre Du Soleil, que pode durar de semanas a meses. Nela, os membros da trupe “co-laboram” e “co-elaboram” a nova peça, pesquisando, debatendo, propondo, experimentando, desenhando seus contornos, descobrindo conjuntamente seus detalhes. É o momento em que são fundadas as bases sobre as quais o espetáculo é erguido.

Échange triangulaire

É a atuação conjunta do músico com os atores e a diretora nos exercícios cênicos do Théâtre Du Soleil, que tem, como objetivo, originar as cenas através da construção de um discurso envolvendo diversos interlocutores, várias linguagens e apenas um idioma, o teatral. Um processo de criação com essência coletiva que, ao entrar em operação, não apresenta qualquer hierarquia entre os participantes.

Narrativos

Durante os improvisos que dão origem ao espetáculo, Lemêtre não objetiva criar ambiências, atmosferas, climas. Suas colaborações musicais são conce-



Figura 4: Marcello Amalfi e Jean-Jacques Lemêtre. Estágio O corpo musical - USP São Paulo - Brasil. Outubro de 2011. Acervo Pessoal Marcello Amalfi.

bidas como elementos narrativos, que participam ativamente do jogo teatral, se relacionando com os demais, alterando-os ao mesmo tempo em que são por eles alteradas.

Escuta do inaudível

Quando Lemêtre deixou de responder unicamente aos estímulos sonoros vindos do palco, mas em um mesmo nível de importância e sensibilidade, passou a responder também a outras classes de estímulos que emanavam da cena, como estímulos visuais, corpóreos, emocionais, racionais, lógicos, memoriais, etc., ele passou a praticar uma escuta que identificamos como a escuta do inaudível. É muito provável que uma escuta ampliada, ou mesmo algo similar a ela, já estivesse sendo praticada pelos atores da companhia, em um nível menos racionalizado, antes da chegada de Jean-Jacques. Não se trata, absolutamente, de algo exclusivo dessa companhia teatral, nem mesmo deste período, tendo já figurado na literatura sobre o assunto com diferentes nomes e formatos. No entanto, chama a atenção que, de acordo com os depoimentos dos artistas do Théâtre Du Soleil, a partir da atuação do compositor nos processos de elaboração das cenas da companhia, ela foi gradativamente se transformando em uma cultura na companhia, e hoje está irremediavelmente ligada à poética de criação dos espetáculos da trupe.

Improvisation contrôlée

É o jogo improvisatório-criativo que se estabelece entre Jean-Jacques Lemêtre e os atores do Théâtre Du Soleil durante a realização da cena. Um contracenar que inclui, em um mesmo grau de importância, os sons e os elementos não sonoros, como o estado interior do personagem, seu destino, a relação de um personagem com outro, uma reação a um acontecimento do drama, o significado dos figurinos, do cenário, dos movimentos da iluminação, para citar apenas alguns.

Jogos músico-teatrais

As atividades desenvolvidas por Lemêtre, que passamos a identificar como jogos músico-teatrais, começaram a ser criadas e aprimoradas dentro dos processos de montagem de peças da companhia, para serem praticados tão somente pelos membros da trupe. Inicialmente, tinham como finalidade exclusiva atender as demandas internas dos espetáculos em elaboração. Todavia, quando Jean-Jacques começou a conduzir estágios abertos ao público, ele procurou manter nestas atividades elementos da sua origem no palco da

Cartoucherie. Isso fez com que o DNA da atuação de Lemêtre, ou seja, seus saberes e procedimentos, estivessem presentes igualmente no processo de composição das músicas para o Théâtre Du Soleil, e nos jogos músico-teatrais, estabelecendo, assim, um forte elo entre os espetáculos e os estágios.

Macro- harmonia

Ao participar de uma encenação, a música inter-relaciona-se de maneira indissociável com todos os seus elementos (luz, cenário, figurino, *gestus*, relações inter-personagens, trama da história, passagem do tempo, etc.), alterando-os ao mesmo tempo em que é por eles alterada. Isso acarreta uma ampliação de sua estrutura harmônica, que ao incluir elementos que não possuem natureza sonora, passa a ser identificada como Macro-Harmônica.

Música do teatro

Na compreensão de Jean-Jacques Lemêtre, é a música executada ao vivo em uma encenação, que a partir de suas perspectivas expressivas e discursivas, interage com os outros elementos, contracenando com eles em tempo real, o que faz com que ela adquira uma função na cena, e passe a integrar de forma ativa o espetáculo. É a música que nasce junto com o nascimento da cena, a partir dela, e sobretudo, que encontra a completude do seu significado somente ao ocorrer durante a encenação.

Savoir-faire

Entendemos que há um saber gerado durante todo processo de montagem teatral, mesmo que involuntariamente, ou à revelia de seus envolvidos. Ao vislumbrarmos estes processos no Théâtre Du Soleil, nos parece razoável afirmar que, apesar da ausência de registros organizados neste sentido, há um valioso repositório de parte valiosa do saber sobre a prática da companhia: o *savoir-faire* que nasce nos palcos da Cartoucherie.

Vision

Trazida por Ariane, trata-se da ideia inicial, que servirá para indicar o horizonte a ser seguido durante a criação do novo espetáculo no Théâtre Du Soleil. Algo como uma espécie de bússola para o processo.

Visionnettes

Pequenos exercícios cênicos, que são propostos pelos atores a partir da ideia inicial do espetáculo (vision), com a finalidade de serem exibidos para Ariane. Uma espécie de prospecção, na qual eles estão absolutamente livres, sem predefinições ou planos muito detalhados. Para a sua apresentação, eles podem fazer uso dos muitos recursos que a companhia dispõe, como os figurinos do seu imenso acervo, objetos de cena, etc., e contam sempre com a participação de Jean-Jacques Lemêtre. Nestas ocasiões, o músico tem, como impulso inicial, uma conversa curta, instantes antes de subirem no palco, na qual são fornecidas, pelos atores proponentes, breves orientações e poucas palavras-chave. Tais coordenadas se tornam o ponto de partida para que ele procure a música da cena, participando ativamente do jogo teatral que está a poucos instantes de ser iniciado. As visionnettes são os embriões das cenas que, eventualmente, formarão os espetáculos.

Bibliografia

AMALFI, Marcello. **A Macro-Harmonia da Música do Teatro: A relação criativa entre o compositor Jean-Jacques Lemêtre e a Encenadora Ariane Mnouchkine**. São Paulo: Ed. Giostri, 2015.

BANU, Georges, «**La voix au bord du chant : extraits de l'intervention d'Ariane Mnouchkine et de Jean-Jacques Lemêtre**» . *Jeu : revue de théâtre*, n° 75, 1995, p. 107-111. Acessado em janeiro de 2017. <http://id.erudit.org/iderudit/28030ac> Tous droits réservés © Cahiers de théâtre Jeu inc., 1995

CHION, Michel. **A audiovisualização**. Lisboa: Editora Texto & Grafia, 2011.

CINTRA, Fabio Cardozo De Mello. **A musicalidade como arcabouço da cena: caminhos para uma educação musical no teatro**. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2006.

DAL FARRA MARTINS, José Batista (Zebba). **Vozes em Estado de Sítio**. Pitágoras 500, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 34-43, jan. 2018. ISSN 2237-387X. Disponível



Figura 5: Estante da biblioteca com o livro “A Macro-Macro-Harmonia da música do teatro”. Sede do Théâtre Du Soleil. Cartoucherie, Paris - France. Junho de 2016. Acervo Pessoal Marcello Amalfi.

em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8651451>>. Acesso em: 20 dez. 2018. doi: <https://doi.org/10.20396/pita.v7i2.8651451>.

DESPRES, Mélanie, **Jean-Jacques Lemêtre et le Théâtre du Soleil L'invention du «musicien de théâtre»**, MASTER ARTS, LETTRES ET LANGUES, Spécialité Arts et Médiations Interculturelles – Parcours Arts du Spectacle , UNIVERSITE D'ARTOIS, France, 2015.

FERAL, Josette. in **Trajectoires du Soleil, autour d'Ariane Mnouchkine**, Editions **Théâtrales, Paris, 1998, pp. 245-263**) Acessado em 20 dez. 2018. Disponível em: https://www.theatre-du-soleil.fr/public_data/download/pages/1513111979/feral_tous_th_est_po.pdf

LALLIAS, Jean-Claude. **“Jean-Jacques Lemêtre, la musique du vers à soie”**, in **DUSIGNE Jean-François, Le Théâtre Du Soleil, des traditions orientales à la modernité occidentale**, p. 53-56.CNDP. Paris, 2003

LONGUENESSE, Pierre. **Jouer avec la musique: Jean-Jacques Lemêtre et le Théâtre Du Soleil**. Paris: Actes Sud, Março 2018.

MOTA, Marcus. **A dramaturgia musical de Ésquilo: investigações sobre composição, realização e recepção de ficções audiovisuais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

OLIVEIRA, Jacyan Castilho. O ritmo musical da cena de teatro. In: **ANAIS do V Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas**. Belo Horizonte: ABRACE, 2008, Disponível na internet: <http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/processos/Jacyan%20Castilho%20-%20O%20RITMO%20MUSICAL%20da%20cena%20de%20teatro.pdf>

PICON-VALLIN, Béatrice. **Le Théâtre Du Soleil, Les Cinquante Premières Années**. Paris: ACTES SUD / Théâtre Du Soleil, 2014.

_____ Croiser les traditions pour composer de la musique de théâtre (rencontre avec Jean-Jacques Lemêtre) Entrevista com Béatrice Picon-Vallin, no Théâtre Du Soleil em 18 de janeiro. Paris, 2004. Acessado em 20 dez. 2018. Disponível em: <http://www.Théâtre-du-soleil.fr/thsol/sources-orientales/des-traditions-orientales-a-la/l-influence-de-l-orient-au-Théâtre/croiser-les-traditions-pour?lang=fr>

QUILLET Jean-Marc, **Musique et théâtre, La musique de Jean Jacques Lemêtre au Théâtre du Soleil, entretien délectable et inachevé avec Jean-Jacques Lemêtre, musicien du théâtre du soleil**. Paris: L'Harmattan, 2013.

PIANA, Giovanni. **Filosofia della música**. Trad. Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 2001.

SCHAFER, R.Murray. **O ouvido pensante**. Tradução Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. – São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1991.